
A História da não-ficção
Uma leitura de *Documentary – A History of the
Non-fiction Film*, de Erik Barnouw

Paula Mota Santos
Universidade Fernando Pessoa

Originalmente publicado em 1974. Erik Barnouw, *Documentary – a History of the Non-fiction Film*, Second Revised Edition, Oxford, New York, Toronto, Melbourne: Oxford, Oxford University Press, 1993. ISBN 0195078985.

Erik Barnouw nasceu na Holanda em 1908 e faleceu nos Estados Unidos em 2001, país onde levou a cabo todo o seu percurso universitário. Além do seu trabalho em contexto académico (Universidade de Colúmbia, Nova Iorque), Barnouw tinha trabalho na área da escrita publicitária, radiofónica e televisiva; na arte cinematográfica tinha sido realizador, produtor, arquivista, consultor e sindicalista. Foi membro de várias associações relacionadas com estudos comunicacionais, e desde 1983 que a Associação de Historiadores Americanos tem um prémio com o seu nome para filmes ou programas de televisão de cariz documental que versassem sobre a história dos Estados Unidos. Não é pois de estranhar que a obra em questão, saída de punho tão profícuo, seja nada menos que monumental, mesmo sendo uma edição em *paperback* e de formato quase de edição de bolso. Esta recensão recai sobre a segunda edição, revista e aumentada, e desconhecendo a primeira, datada de 1974, só posso presumir que a diferença fundamental seja a da possibilidade de incluir nesta análise historiográfica obras posteriores à primeira metade dos anos 70 até aos inícios dos anos 90, não implicando talvez alterações de monta à estrutura inicial (e unicamente o adicionar do último capítulo desta edição de 1993).

O livro em questão está ordenado tematicamente mais que cronologicamente. Assim, temos os seguintes capítulos onde podemos encontrar algumas linhas marcantes:

1 - *Glimpse of Wonders* (em que são retratados os inícios da tecnologia cinematográfica em ambos os lados do Atlântico, mas dando particular relevância ao papel dos irmãos Lumière na génese do documentário);

2 - *Images at Work* (iniciando-se com o trabalho pioneiro de Flaherty e dos irmãos Kauffman, passando por Ruttman, Vigo, Ivens, entre outros);

3 - *Sound and Fury* (relevância de Grierson e da escola de documentarismo social britânico bem como da obra de Leni Riefenstahl; produção documental de beligerantes de conflitos vários: Guerra Civil de Espanha, Segunda Guerra Mundial, Grande Marcha, etc);

4 - *Clouded Lens* (aborda a produção documental do pós-guerra: Sucksdorff, Rouquier, Haanstra, entre outros, bem como a crescente importância da televisão e do equipamento técnico cada vez mais leve e móvel – o *direct cinema* e o *cinéma vérité* - na produção e exibição documental e a crescente visibilidade do documentário de raiz antropológica);

5 - *Sharp Focus* (o papel do *Free Cinema* e do realizador documental como observador – o que a esta distância, e tendo em conta a contemporaneidade da programação televisiva que temos, parece inadvertido precursor da chamada *reality tv...* -, mas também como catalista (a exemplo, a obra de Jean Rouch) e como explicitamente engajado ideologicamente (por exemplo, Ivens e o *The 17th Parallel*);

6 - *Movement* (retratando uma realidade mais recente em que o activismo político se debruça sobre o envolvimento dos USA em países terceiros como Argentina, Nicarágua, El Salvador, etc e em que o activismo ecológico também desponta com a importância do anti-nuclear; referência também às crescentes produções televisivas de carácter pedagógico (séries históricas e/ou de divulgação científica) e à crescente importância da tecnologia vídeo e dos canais por cabo na produção e distribuição do documentário).

O livro tem ainda uma extensa bibliografia bem como um índice alfabético, duas secções de grande utilidade para quem queira prosseguir em caminhos de conhecimento mais avançados ou ir directamente à informação neste livro contida sobre uma obra, autor ou movimento.

O livro de Barnouw aqui em revisão é um clássico no género a que pertence. Pelo grau de exaustividade da informação aí contida, e

por ser uma obra de cariz histórico, mais que de análise sociológica, dificilmente se desactualizará em relação aos tempos cobertos pelo autor. Se o/a leitor/a procura dados sobre um passado mais recente, ou se está particularmente interessado/a no documentarismo ligado ao mundo natural, não será nesta obra que os encontrará. Mas se o seu interesse não está limitado desse modo cronológico ou temático, irá então encontrar informação que lhe será, sem dúvida, útil para o entendimento do cinema documental. A erudição do autor deste livro é extraordinária, fornecendo ao leitor pormenores particularmente iluminadores das condições de produção das obras referenciadas. E não é só o já bem divulgado pendor ficcionado de uma das obras-base da identidade documentarista no cinema - o *Nanook* de Flaherty - que se poderia sublinhar, mas as ligações com os contextos sócio-políticos da época, mesmo para os filmes que aparentemente não se incluíam na clássica propaganda (ver aqui o papel da Shell como financiadora de documentários), ou o perda de estatuto de Vertov na União Soviética por este achar que o documentário não se consegue encaixar em planos quinquenais – a realidade surpreende-nos sempre e o documentarista mais do que planear o que vai filmar deve é estar atento ao que se passa e oportunamente começar a filmar – daí essa aversão ao planeamento centralizado ser encarada como uma subversão política e não como um ditame artístico/criativo. Barnouw não problematiza muito estas questões, a meu ver, centrais na reflexão sobre o documentário, mas também esse não era o seu objectivo nesta obra, e portanto essa ausência não pode ser apontada como falha da mesma. A obra em questão prima pelo detalhe de informação e embora na enunciação dos capítulos da mesma eu tenha referido algumas linhas de cinematografia específica, devo sublinhar que Barnouw abrange também cinematografias de países e autores menos ‘centrais’, constituindo-se esta obra como bastante ‘democrática’ no quadro histórico que vai reconstituindo. É assim uma obra de referência para o público que tenha algum interesse especializado ou geral sobre documentarismo, sendo útil quer a estudantes quer ao curioso do tema.

E tendo dito que a organização do livro é temática e não tanto cronológica, o certo é que o modo como Barnouw apresenta os dados quase faz uma acompanhar a outra, o que será algo que se pode questionar, pois acaba por fornecer um quadro de quase neo-darwinismo nas for-

mas que o documentarismo assumiu ao longo do tempo. E se os quadros taxonómicos de inspiração darwinista são sempre muito atractivos porque facilmente indutores de uma ordem linear numa realidade complexa, será talvez facilmente aceitável que este não será certamente o único modo de fazer sentido de uma realidade histórica. Não se entenda isto como crítica, mas unicamente como constatação de uma ordenação que constrói uma narrativa, e logo um sentido. Saiba o/a leitor/a unicamente que ela está lá. A História é uma ciência, mas também um sistema representacional. E, para terminar, refiro que esta edição está bastante bem documentada em termos de imagens referentes quer a realizadores quer às suas obras, o que é sempre agradável para o/a leitor/a. Mas seria uma surpresa bem agradável se, neste presente de domínio do digital (ao qual ainda não pertence esta obra), as casas editoras fizessem a publicação de uma obra sobre a história do cinema documental acompanhada de DVD em que, se não algumas das obras emblemáticas, pelo menos excertos das mesmas pudessem substituir a fotografia publicada no texto.